

A observação psicológica de uma nova psicologia do espírito

The psychological observation of a new psychology of the spirit

AMIR SAMIR HUDA¹

Resumo: A nova psicologia do espírito inaugurada por Nietzsche requer um autêntico modo de operar para chegar ao estado desejável de investigar livremente sem preconceitos metafísicos a natureza humana em suas mais profundas entranhas, mesmo que isso signifique, para a vantagem ou desvantagem de um povo, desmascarar a existência efetiva do impulso para o altruísmo. Como o filósofo alemão pretende fazê-lo? Com a arte da observação psicológica dos moralistas franceses e com uma abordagem histórico-evolucionista baseada em Paul Rée. Assim, Nietzsche constrói uma filosofia histórica, uma História dos sentimentos morais (*die Geschichte der moralischen Empfindungen*).

Palavras-chave: Moralidade. História. Psicologia.

Abstract: The new psychology of the spirit inaugurated by Nietzsche requires an authentic way of operating to reach the desirable state of investigating human nature freely and without metaphysical prejudices, delving into its deepest recesses—even if this means, to the advantage or disadvantage of a people, unmasking the actual existence of the drive toward altruism. How does the German philosopher intend to do this? Through the art of psychological observation of the French moralists and a historical-evolutionary approach inspired by Paul Rée. Thus, Nietzsche constructs a historical philosophy, a history of moral sentiments (*die Geschichte der moralischen Empfindungen*).

Keywords: Morality. History. Psychology.

Introdução

Em *Humano Demasiado Humano* (*Menschliches Allzumenschliches. Ein Buch für freie Geister*), publicado originalmente em 1878, Friedrich Nietzsche define psicologia como “ciência que indaga a origem e a história dos chamados sentimentos morais” (Nietzsche, 2022, p. 43). Não é por acaso que no aforismo 36 identifica seu trabalho como psicólogo com a “observação moral”, sendo que não “pode ser poupada à humanidade a visão cruel da mesa de dissecação psicológica e de suas pinças e bisturis” (Nietzsche, 2022, p. 11). Isso significa dizer, no horizonte das pretensões do filósofo alemão, que esse trabalho minucioso passa a colocar em evidência a natureza mais íntima do homem, com a luz própria de um psicólogo que

¹ Estudante do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista da Fundação Araucária pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Membro-voluntário do Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: amirsamirhuda@gmail.com

rejeita o eterno sono dogmático do espírito cativo ainda ligado a preconceitos morais. Para uma tal tarefa, este texto visa esboçar como Nietzsche articula Rée e o moralista francês La Rochefoucauld em sua proposta de uma nova psicologia do espírito.

No entanto, se por um lado esse trabalho árduo do observador exige mãos hábeis e dispostas, por outro, do leitor demanda um estômago frio e disposto a digerir as descobertas inusitadas resultantes dessa cirurgia que opera a inversão dos valores habituais ou dos hábitos valorizados. Encontra-se, em *Além do Bem e do Mal*, a ideia de que a observação moral requer disposição para a luta intensa porque o observador tem o coração contra si, tendo que lutar contra as resistências inconscientes (Cf. Nietzsche, 2003, p. 29). Assim, como assinalado em *Humano Demasiado Humano*, talvez esse investigador devesse estar convencido das “desagradáveis consequências dessa arte, para dela afastar intencionalmente o olhar dos que se educam” (Nietzsche, 2022, p. 42).

Embora o filósofo alemão tenha sido, no mínimo, conforme reconhece em *Ecce Homo*, “o homem mais terrível que até agora existiu”, apontando que, contudo, isso não o impede que “venha a ser o mais benéfico” entre os filósofos (Nietzsche, 2000, p. 110), a questão é que Nietzsche dedicou-se com vivacidade em direcionar o olhar de seus leitores para as questões centrais da relação entre moral e psicologia no interior da cultura. É certo que para compreender suas análises é capital ter com seus filosofemas as mãos delicadas (saber bem interpretá-lo), pois o autor exclama por um bom leitor na relação com os seus escritos tal e qual os bons filólogos de outrora liam o seu Horácio (Cf. Nietzsche, 2000, p. 58). Superando as resistências inconscientes que põem à prova o coração do observador que, no contexto próprio da reflexão nietzschiana, traduz-se na tarefa de ter que superar os preconceitos morais que historicamente dominaram as formulações teóricas, o fino trabalho de análise psicológica preconizado por Nietzsche ultrapassa os contornos da psicologia tradicional de cunho racionalista. Proposto em *Humano Demasiado Humano* com revestimentos próprios dessa “fase” intelectual, o modelo de psicologia privilegiado

por Nietzsche é adotado sob influência de ideias positivistas², marcado pelo surgimento do espírito livre que se serve do método antidogmático da ciência para guiar-se em busca do conhecimento livre dos equívocos da metafísica e da arte com o objetivo de elevar sua cultura.

Antes de tudo, é pertinente perguntar: por qual razão devemos sugerir a importância da psicologia proposta por Nietzsche no interior de sua filosofia propriamente dita? O entrelaçamento entre esses dois campos fecundos do saber no contexto nietzschiano nem sempre foi valorizado entre os estudiosos. Na exegese da filosofia de Nietzsche, Martin Heidegger, por exemplo, confere um suposto privilégio à metafísica em detrimento da psicologia, motivo pelo qual é tão criticado por outros intérpretes clássicos³. A despeito disso e de outras interpretações incompatíveis, nos últimos anos o laço entre as análises psicológicas e a filosofia de Nietzsche adquiriu muita força, em decorrência de certos trabalhos sérios dedicados a mostrar que o projeto do filósofo apenas pode ser compreendido essencialmente quando a psicologia é concebida como peça-chave constitutiva de todo seu programa filosófico, crítico e genealógico.

Walter Kaufmann foi o primeiro comentador a vislumbrar a importância fundamental da psicologia para toda a operação filosófica de Nietzsche:

Nietzsche via-se como o primeiro grande psicólogo, mas esse lado de Nietzsche foi em larga medida ignorado, principalmente pelos filósofos. Quero tentar mostrar que Nietzsche tinha razão – ele foi um grande psicólogo – e que Nietzsche se torna mal-entendido quando se passa por alto sobre isso (Kaufmann, 1978, p. 261).

Nos anos de 1950, Kaufmann publica o essencial de suas ideias sobre a filosofia nietzschiana em *Nietzsche: Filósofo, Psicólogo, Anticristo*⁴. Veja-se como Kaufmann apresenta, no prefácio à primeira edição dessa obra, a magnitude da força

² Não se trata do positivismo ortodoxo de Auguste Comte, mas do positivismo dissidente de Théodule Ribot (Cf. Frezzatti, 2019, p. 56 - 59).

³ Cf. Giacoia, 2001, p. 16.

⁴ A parte um desse livro inicia com um capítulo intitulado “A Vida de Nietzsche como Pano de Fundo de seu Pensamento” – no qual Kaufmann se posiciona abordando que alguns aspectos da vida do filósofo alemão são relevantes para um estudo de sua filosofia. No entanto, a presunção de que as ideias dele se resumem a dados biográficos ou psicológicos, é equivocada (Cf. Kaufmann, 1974, p. 14).

de um pensador que se imortalizou no corpo dos seus escritos estendendo-se às discussões de nossa época, nos mais variados campos do saber, inclusive na psicologia:

Nietzsche, mais do que qualquer outro filósofo dos últimos cem anos, representa um grande acontecimento histórico. Suas ideias não preocupam apenas os membros de uma nação ou comunidade, nem apenas os filósofos, mas as pessoas em todos os lugares, e elas tiveram repercussões na história recente e na literatura, assim como na psicologia e no pensamento religioso (Kaufmann, 1974, p. 13).

Recentemente, Patrick Wotling escreveu um ensaio significativo no interior do qual traz a lume o estatuto e a estrutura da psicologia no pensamento de Nietzsche:

Não é pouca fonte de orgulho para Nietzsche poder reivindicar ter elevado a um grau sem igual o poder de elucidação da análise psicológica (*analyse psychologique*) [...]. No entanto, apesar dessa reivindicação repetidamente afirmada, é impressionante observar o quanto a exegese nietzschiana por muito tempo hesitou em conceder-lhe esse título, ou, mais precisamente, em reconhecer a importância crucial da psicologia em sua experiência de pensamento (Wotling, 1997, p. 1).

Nos últimos anos, Wilson Antonio Frezzatti Jr. adverte para o seguinte em seu amplo estudo concretizado em *Nietzsche e a psicofisiologia francesa*:

Sem dúvida, a psicologia nietzschiana é imprescindível para o entendimento da própria filosofia de Nietzsche [...]. Consideramos que o aspecto antimetafísico é uma das características definidoras da psicologia nietzschiana: ela se constitui e tem como objetivo a superação da metafísica. Destituir essa psicologia do embate com as noções metafísicas é destruir a proposta psicológica nietzschiana (Frezzatti, 2019, p. 205-6).

Acrescentando um aspecto central, Frezzatti não apenas reconhece a psicologia no contexto da reflexão de Nietzsche como também aponta para a necessidade de visualizá-la indispensavelmente em conjunto com uma crítica à metafísica. Expõe-se, assim, o solo seguro desde o qual se dará a vinculação da psicologia com a filosofia nietzschiana, ou seja, compreender aquela como parte constitutiva do programa crítico desta.

Uma nova psicologia do espírito, por F. Nietzsche

Na conhecida passagem de sua autobiografia intelectual, Nietzsche outorga para si o posto de primeiro psicólogo: “Quem, entre os filósofos, foi antes de mim psicólogo, e não o seu oposto, ‘superior embusteiro’, ‘idealista’? Antes de mim não havia absolutamente psicologia”⁵ (Nietzsche, 2000, p. 114). Esse excerto é aparentemente ambíguo: o que estaria querendo dizer Nietzsche com essa afirmação tão radical? Poderia um filósofo da estatura dele, na medida em que se sabe tratar-se de um erudito ex-catedrático de filologia da prestigiosa Universidade da Basileia, desconhecer a tradição racionalista que o antecedeu? Ou, todavia, estamos diante de uma passagem em que podemos desvelar nas entrelinhas uma crítica radical ao modo com o qual toda psicologia historicamente operou antes de Nietzsche - o primeiro psicólogo das profundezas? Partindo desta última hipótese, em seguida propõe-se esclarecer de que modo podemos vislumbrar o ineditismo desse projeto até o momento em que viveu Nietzsche, que rompe com uma tradição canônica de psicologia.

Pode-se encontrar em Paul Janet a definição tradicional de psicologia para a qual todas as demais teorias do psiquismo como doutrinas teóricas estritamente da consciência que vigoravam à época convergem, mas da qual, porém, veremos adiante, Nietzsche se distancia inteiramente, denunciando-a:

A psicologia é a parte da filosofia que trata do estudo da mente humana e de suas faculdades. Ela se distingue da fisiologia, que tem como objeto o corpo humano e suas funções. O caráter próprio dos fatos que ela estuda é que eles não podem ocorrer em um ser sem serem imediatamente conhecidos por aquele que os experimenta, e sem que este ser saiba ou sinta que é ele quem os experimenta (Janet, 1884, p. 878).

Nietzsche se distancia inteiramente dessa definição canônica em razão de sua concepção mais ampla de “sujeito”, de homem que não está apartado do mundo: destituindo o clássico privilégio da consciência – e por essa razão se aproxima de Sigmund Freud, o pai da psicanálise – acaba por desdobrar uma concepção

⁵ Embora faça essa afirmação, também admite ter duas referências em psicologia, a saber, principalmente Dostoiévski, e Stendhal (Cf. Nietzsche, 2012, p. 84).

pluralista do psiquismo humano, sob uma nova concepção de racionalidade, contribuindo para a cultura de forma indelével e superando o dualismo corpo e mente ao conceber o corpo como estrutura hierárquica de impulsos ou forças em relação constante de luta sem trégua pela intensificação da potência.

Em *A Gaia Ciência* testemunha-se o tratamento confiado à consciência. Longe de ser aquele lugar privilegiado pelos *filósofos mais velhos* em seu eterno sono dogmático, que ao separar coisa-em-si e fenômeno ou estabelecer a divisão entre sujeito e objeto nada mais fazem senão se enredar nas malhas da gramática – a metafísica do povo –, o filósofo alemão assim concebe o pensar consciente: “a parte menor, a mais superficial, a pior” (Nietzsche, 2004, 249). A justificativa para essa reflexão aparentemente extravagante está na ideia de que a consciência apenas se desenvolveu em razão de uma necessidade, qual seja, a de comunicação, proteção, em resumo, para viver gregariamente. Nas palavras do filósofo, “a consciência não faz parte realmente da existência individual do ser humano, mas antes daquilo que nele é natureza comunitária e gregária” (Nietzsche, 2004, p. 249). De modo que o enunciado socrático “conhece-te a ti mesmo”, por exemplo, torna-se uma atividade mais difícil do que parece, porque o homem condicionou a reflexão sobre si mediante as necessidades comunitárias, perdendo em razão delas sua individualidade em privilégio de uma consciência de comunidade. E mais, perde-se a possibilidade de conhecer-se a fundo justamente pelo nascimento da consciência antecipada na linguagem a serviço não do reconhecimento da própria subjetividade, que é sempre incomparável e única, mas antes da falsificação, do tornar raso, tolo, geral e comum como convém ao rebanho ou à formação das grandes massas.

Dessa forma, para Nietzsche, a consciência não existiria se não fosse em nome do rebanho, da necessidade básica de comunicação com outros homens. Observe-se como reconhece a presença de um outro “espaço”, agora inédito, no psiquismo humano, destituindo de uma vez por todas a consciência outrora colocada em um pedestal cercado por grades elétricas pelos filósofos mais velhos, ainda atrasados em preconceitos infundados: “Nós poderíamos pensar, sentir, querer, recordar, poderíamos igualmente ‘agir’ em todo sentido da palavra: e, não obstante, nada disso precisaria nos ‘entrar na consciência’ (como se diz figuradamente)” (Nietzsche, 2004, p. 248).

A nova concepção de racionalidade passa a admitir vigorosas instâncias fundamentais, antes estigmatizadas e desprezadas enquanto matéria para a investigação teórica – o inconsciente, os instintos, os impulsos e o corpo. Para tal admissão ocorrer, resultado tardio de um cansativo trabalho crítico, é inegável a necessidade de ferramentas de reflexão poderosas que sejam fortes no enfrentamento das resistências inerentes ao coração de qualquer investigador, e parece-se encontrar isso na fecunda filosofia de Friedrich Nietzsche, que é também uma filosofia da vida, a partir de sua proposta de psicologia antidogmática.

Tendo em vista um procedimento privilegiado, isto é, a observação psicológica, é mediante o uso dele que essa inaugurada psicologia em *Humano, Demasiado Humano* permitirá com que o filósofo e psicólogo⁶ Nietzsche se desprenda de toda forma de idealismo ou embuste superior. E mais, dos equívocos da gramática, da metafísica e dos perigos para o conhecimento que acompanham os preconceitos com os quais os filósofos atrasados padeceram, como são os casos, por exemplo, da crença arraigada de que a consciência é o núcleo do “eu”; e da convicção platônica de que o corpo é um cárcere impuro de uma alma divina.

É bastante importante para este contexto notar em *Ecce Homo*, sob um olhar retrospectivo, os bastidores que acompanham a produção de seu primeiro manuscrito aforismático. Nele, Nietzsche dá pistas sobre as razões e as condições que o levaram a elaborar aquela obra. *Humano, Demasiado Humano* é, sobretudo, “o monumento de uma crise” (Nietzsche, 2000, p. 72). Esse livro representa a própria libertação daquilo que não pertencia à sua natureza, como a amizade com Richard Wagner e o posto na cátedra da Basileia. Momento no qual percebe que a erudição empoeirada não lhe serviu de nada, que se mostrou inútil toda a existência de filólogo apartada de sua tarefa, de seu verdadeiro instinto. Uma profunda estranheza a tudo que lhe rondava é um dos pressupostos para a elaboração do livro (Cf. Nietzsche, 2000, p. 73).

Veja-se o que anuncia Nietzsche a respeito daquilo que não pertencia à sua natureza: “a ela não pertence o idealismo [...] onde vocês veem coisas ideais, eu vejo – coisas humanas, ah, somente coisas demasiado humanas” (Nietzsche, 1995, p. 72).

⁶ Da tarefa do novo psicólogo: Cf. Giacoia, 2001, p. 59.

Ao invés de apenas dedicar-se com grande minúcia aos métricos antigos – a isso chegou como filólogo adoecido – passou então a ocupar-se somente de fisiologia, medicina e ciências da natureza (Cf. Nietzsche, 2000, p. 74-5). Eis aqui, portanto, o fio condutor que lhe conduzirá às principais descobertas incorporadas em *Humano, Demasiado Humano*, marcadamente orientado pelos saberes científicos em detrimento das rejeitadas idealidades. Não por acaso que o amigo Paul Rée forma com Nietzsche uma espécie de parceria intelectual com objetivo comum: outorgar aos chamados conceitos morais, sentimentos morais, uma origem amparada pela filosofia histórica, desmascarando qualquer atribuição de eternidade, imutabilidade ou absolutismo aos conceitos, pois que para Nietzsche estes não são senão expressões alicerçadas em visões de mundo mórbidas ou saudáveis em todo caso amparadas por uma avaliação humana.

No entanto, não se tem a permissão para concluir que Nietzsche teria se apropriado dos conceitos, teorias e métodos científicos, pois o que lhe servia de inspiração, na verdade, era o *pathos* da ciência. Ela que, quando despida dos hábitos dogmáticos, substitui suas formulações de tempos em tempos por novas teorias, o que certamente é bastante saudável e importante para a construção do conhecimento. Relevante notar, na direção de um ensaio de W. Frezzatti, a relação entre metafísica e ciência no pensamento nietzschiano. Se, em *O Nascimento da tragédia*, a ciência se torna responsável pela destruição de um conhecimento metafísico que permitiria ao homem sua justificativa estética em uma vida efêmera condenada ao sofrimento, em *Humano, Demasiado Humano*, sob uma perspectiva renovada, Nietzsche desvela uma noção segundo a qual toda metafísica trágica ligada a Schopenhauer e ao projeto cultural wagneriano se configura como erudição empoeirada, passando a enxergar na ciência a referência para o conhecimento⁷ (Cf. Frezzatti, 2017, p. 107).

⁷ No contexto de *Humano, Demasiado Humano*, é como se a arte tivesse que ser superada pela ciência. Cf. Nietzsche, 2022, p. 141. Na ocasião de *O nascimento da tragédia*, a perspectiva adotada era outra, pois o saber técnico solapava uma sabedoria mais elevada, metafísica - a da condição trágica do homem e a justificativa estética para a vida. Nota-se que a relação entre ciência e metafísica muda ao longo de todo pensamento de Nietzsche, marca própria de um espírito antidogmático averso a convicções.

Observa-se, no sentido tomado acima, que agora o espírito científico deve se ater no *pathos* da ciência, exercitar-se nele, criando distância até mesmo da arte, uma vez que “após [o homem] ter-se despojado da metafísica, ele corre o risco de sucumbir à necessidade metafísica, se sentir o além-mundo e a imortalidade nas obras de arte” (Frezzatti, 2017, p. 107). O problema é que os metafísicos se habituaram a pôr-se diante da vida e da experiência (*Erfahrung*) à sombra da ideia de haver um desdobramento definitivo, com um fundo eterno e imutável: leia-se por isso – a coisa-em-si (Cf. Frezzatti, 2017, p. 107). Além disso, a filosofia metafísica alia-se à religião e à arte na medida em que pretendem possuir a maior profundidade no conhecimento, mas isso é só fruto de otimismo temperado pela apologia ao conhecimento, estimado como sendo da mais alta utilidade para o homem. Esse *pathos* guiado pela necessidade de uma significação profunda do mundo e das coisas só descamba em sintomas, em adoecimento, como o enfraquecimento dos nervos (neuroses) e, em casos mais radicais, leva à loucura; com o que contribuiria fatalistamente para a derrocada final de uma Europa já decadente no século XIX, segundo a opinião de Nietzsche (Cf. Frezzatti, 2017, p. 108).

De sorte que, com a filosofia histórica, Nietzsche como adepto do *pathos* científico anuncia que “a ciência pode gradualmente nos mostrar a gênese desse mundo, e talvez, assim, reconhecamos que a coisa-em-si está vazia de significado” (Frezzatti, 2017, p. 108). Com o processo constante e laborioso da ciência, como evidencia-se em *Humano, Demasiado Humano*, resulta uma afirmação do seguinte tipo: este mundo que conhecemos nada mais é do que o produto de diversos desvios da razão, de muitos erros e fantasias que acumulamos como o tesouro acumulado de um passado remoto, surgidos gradualmente na evolução dos seres animados (Cf. Nietzsche, 2005, p. 26). Talvez, enfim, por meio desse labor, a coisa-em-si mereça tão somente gargalhadas; ela aparentava tamanha profundidade, prometia um conhecimento definitivo e seguro escondido nas dobras do fluxo contínuo de mudança, mas na realidade está vazia de significado⁸.

⁸ Mesmo após despojar-se de toda metafísica, o investigador terá pela frente obstáculos, agora na arte, como os efeitos psicológicos provocados pela música. Aí, sua integridade intelectual será posta à prova (Cf. Nietzsche, 2022, p. 110).

Nietzsche estava seguro de que durante o Século das Luzes não se fez justiça acerca da importância da religião. No entanto, também assegura que nos anos subsequentes ao Iluminismo se foi além de apenas fazer a devida justiça, atribuindo às religiões, ao tratá-las com amor e compaixão, a mais profunda compreensão do mundo (Cf. Nietzsche, 2022, p. 81). O culpado disso foi Schopenhauer, por fazer uma interpretação moral-religiosa dos homens e do mundo e, mesmo que dela possamos extrair a compreensão do cristianismo e de outras religiões, Schopenhauer se enganou quanto à importância deles para o conhecimento. Se tivesse nascido no tempo de Nietzsche, talvez prestasse, antes, homenagens à verdade como caberia a um pensador daquela estatura, com estas palavras: nenhuma religião, direta ou indiretamente, seja como dogma ou alegoria, conteve nem que seja uma só verdade (Cf. Nietzsche, 2022, p. 81-2).

Se por um lado não se deve cair nas armadilhas da metafísica ou do conhecimento religioso, em outro viés, a ciência moderna os substituiria inclusive com promessas mais modestas, atingíveis. Fica explícito ao longo do livro algumas noções utilitárias, como o cálculo utilitário da busca do prazer e a fuga do desprazer enquanto motor do homem. Com os avanços do conhecimento científico, tem-se “por meta o mínimo de dor possível e a vida mais longa possível – ou seja, uma espécie de eterna beatitude, sem dúvida bastante modesta, se comparada às promessas religiosas” (Nietzsche, 2022, p. 92).

Observando a preocupação de Nietzsche em *Humano, Demasiado Humano*, vê-se que se dedicou em avançar em suas abordagens psicológicas respaldado em outras fontes filosóficas, históricas e literárias, diferentemente, sob outra perspectiva, de Paul Rée que reproduz os resultados da teoria da evolução de Darwin em seu manuscrito. Não é porque o vemos dar à ciência um privilégio evidente que devemos antecipar interpretações incompatíveis com as intenções do filósofo. Nietzsche não reproduz os resultados⁹ acumulados das pesquisas científicas da época. Interessa-lhe, em particular, o espírito científico, o modo que este encara o conhecimento e o refaz de tempos em tempos. Assim, o espírito livre nietzschiano, inaugurado nesse contexto teórico, é quem se vale desse *pathos* da ciência,

⁹ Trata-se de incorporar a “moral científica”, exercitando a capacidade cética. Cf. Nietzsche, 2022, p. 161.

inspirando-se numa espécie de “moral cética” para se libertar das convicções, da moral vigente e dos costumes postos, tradicionalmente inquestionáveis.

É chamado de espírito livre (*freie Geist*) aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. Ele é a exceção, os espíritos cativos (*gebundene Geister*) são a regra [...] se os espíritos livres estão certos, então aqueles cativos estão errados, pouco interessando se os primeiros chegaram à verdade pela moralidade e os outros se apegaram à inverdade por moralidade. De resto, não é próprio da essência do espírito livre ter opiniões mais corretas, mas sim ter se libertado da tradição, com felicidade ou com um fracasso. Normalmente, porém, ele terá ao seu lado a verdade, ou pelo menos o espírito da busca da verdade: ele exige razões; os outros, fé (Nietzsche, 2022, p. 143-4).

Nessa passagem, o filósofo alemão procura evidenciar que não é próprio do espírito que se libertou de uma tradição envelhecida apegar-se à “inverdade por moralidade”, isto quer dizer, trata-se de ter no coração a frieza do temperamento científico, que não recua ante a necessidade de instituir novas perspectivas e verdades, parte-se, é claro, do pressuposto de que a ciência é antidogmática tal como Nietzsche a compreendia naquela ocasião. O espírito livre quer razões, os homens presos nas amarras da moralidade do apego e das certezas intocáveis querem fé. Esse espírito livre se caracteriza como cauteloso, na medida em que tem como finalidade a imersão no conhecimento, e, por causa desse compromisso fundamental, cabe-lhe arranjar apenas um pequeno emprego ou fortuna que baste justamente para viver, porque, uma vez empregando o mínimo de energia nessas coisas, possui toda a força acumulada e muito fôlego disponível para os fins de conhecimento, usado com o escopo de elevar espiritualmente a sua cultura (Cf. Nietzsche, 2022, p. 178).

Longe de simplesmente descrever um humano livre que divaga pelo mundo sem lugar relevante para a cultura, o filósofo alemão parece se importar até mesmo com a rotina desses espíritos livres. Eles precisam, sobretudo, recorrer a expedientes de tal modo que não deixem de efetivar sua potência no conhecimento, obra para a qual estão destinados. De quando em quando deverão ter um domingo de liberdade para suportar a vida sem adoecerem; é provável, ainda, que mesmo suas relações interpessoais sejam superficiais, que seu amor aos homens seja cauteloso e tenha

fôlego curto. Ao contrário do que se poderia entender à primeira vista como simples descrição do modo de vida desses tais espíritos, Nietzsche faz valer uma concepção disciplinar segundo a qual eles devem dedicar-se ao que compete ao grande homem da cultura, isto é, não se envolver com o mundo das propensões e da cegueira mais do que o necessário para o conhecimento (Cf. Nietzsche, 2022, p. 179). E, por tal razão, precisam, com disciplina, renunciar a tudo que poderia atrapalhar sua tarefa grandiosa.

Destarte, um tal engajamento poderá ser visto quase como loucura, sobretudo quando se subestima a *vita* contemplativa. O tempo em que o filósofo alemão viveu, diagnosticado por ele mesmo em seu livro, é pobre na leitura de sentenças dos grandes moralistas¹⁰, tais como as de Pascal, Epiteto, Sêneca e Plutarco (Cf. Nietzsche, 2022, p. 175). Se antes o trabalho árduo e a diligência estavam no cortejo da deusa Saúde, agora passaram a grassar como doença. O problema é, segundo Nietzsche, a falta de tempo para pensar e a tranquilidade no pensar: por não se praticar a arte da ponderação, as opiniões divergentes escapam à análise microscópica. Uma postura cautelosa e independente no conhecimento é vista quase como loucura (Cf. Nietzsche, 2022, p. 175), e, assim, o espírito livre é alvo de difamação em particular pelos eruditos. Mas Nietzsche mostra que os eruditos somente o invejam porque reconhecem a falta de sua própria minúcia e diligência de formiga que aparecem com tanta evidência na delicadeza dos espíritos livres. Como punição por sua suposta loucura, são banidos para um solitário canto da ciência, de sorte que lhes cabe a tarefa bem distinta e superior de comandar, de um lugar afastado, mostrando os caminhos e objetivos da cultura (Cf. Nietzsche, 2022, p. 175-6).

Em um aforismo cujo título é “*Espirit fort*” [espírito forte], tem-se a explicação de por que o homem livre muitas vezes não é assimilado pelos demais: “comparado àquele que tem a tradição a seu lado e não precisa de razões para seus atos, o espírito livre é sempre débil, sobretudo na ação” (Nietzsche, 2022, p. 147), pois ele sabe demasiados motivos e perspectivas, resultando, portanto, em uma postura hesitante e não exercitada. Contudo, nem essa insegurança o fará apegar-se a

¹⁰ Entre eles, La Rochefoucauld, mestre francês do estudo da alma, autor das *Sentenças e Máximas Morais* estruturadas em modelo aforismático. Cf. Nietzsche, 2022, p. 42-3.

certezas imutáveis na expectativa de adquirir reconhecimento dos homens presos ou cativos da moral do dever. É melhor que tenha algo de errante, sobretudo siga conhecendo múltiplos pontos de vista ainda que isso o torne fraco aparentemente, embora só em aparência, porque é dotado de um “espírito forte” como jamais houve, que tem conhecimento de que “habituar-se a princípios intelectuais sem razões é algo que chamamos de fé” (Nietzsche, 2022, p. 145). Seu irmão mais rude, leia-se homem cativo, não adota esta ou aquela razão por ter se debruçado intelectualmente sobre os prós e os contras dessa escolha, mas apenas o faz por hábito. Torna-se cristão não por ter contemplado as diversas religiões e ter finalmente escolhido entre elas, precisamente como alguém que, “nascendo numa região vinícola, torna-se bebedor de vinho” (Nietzsche, 2022, p. 144).

Nietzsche não espera que tudo isso seja alcançado com facilidade. Na verdade, reconhece que haveria uma dedicação cansativa, uma luta contra tudo o que pertencia a alguém na forma de dever. As condições indispensáveis para uma tal libertação são, diz o filósofo, “um temperamento bom, uma alma segura, branda e no fundo alegre [...] e em cujas manifestações não houvesse traço de resmungo e teimosia” (Nietzsche, 2022, p. 40). É um homem do qual caíram as costumeiras correntes da vida, de tal modo que agora pode dedicar sua existência para conhecer sempre mais e, dando vazão à vontade de conhecimento antes enjaulada nos deveres atrelados à moral de rebanho, basta-lhe como a condição mais suprema “pairar livre e destemido sobre os homens, costumes, leis e avaliações tradicionais das coisas” (Nietzsche, 2022, p. 40). Não obstante, quem alcança, em alguma medida, a liberdade da razão, não pode se sentir mais do que um andarilho sobre a Terra (Cf. Nietzsche, 2022, p. 271). Andarilho que não prende seu coração com força a nada em particular. Nele, é preciso haver algo de errante que tenha alegria no caráter transitório da vida, admiração pelo infundável fluxo de mudança que a caracteriza (Cf. Nietzsche, 2022, p. 271).

Portanto, a nova psicologia do espírito inaugurada por Nietzsche requer um autêntico modo de operar para chegar a esse estado desejável, qual seja, o de investigar livremente sem preconceitos metafísicos a natureza humana em suas mais profundas entranhas, mesmo que isso signifique, para a vantagem ou

desvantagem¹¹ de um povo, desmascarar a existência efetiva do impulso para o altruísmo. Como o filósofo alemão pretende fazê-lo? Resposta: Com a arte da observação psicológica dos moralistas franceses e com os instrumentos de dissecação psicológica de que dispunha, desenvolvendo, assim, na mesa de operação cirúrgica, uma concepção cujo fundamento é a filosofia histórica, acerca da História dos sentimentos morais (*die Geschichte der moralischen Empfindungen*). Essa dissecação conta com o apoio de seu amigo Paul Rée, que também apresenta, em *A origem dos sentimentos morais* (1877), o surgimento e o desenvolvimento dos conceitos morais tendo como base um olhar histórico. Nessa linha, para finalizar a articulação que Nietzsche faz, tem-se La Rochefoucauld, autor das *Reflexões ou Sentenças e Máximas Morais* (1664), com suas observações filosóficas baseadas na experiência que obteve nos círculos aristocráticos. Esse moralista francês, por não divinizar a moral, compreendendo-a tão somente como um arranjo humano cheio de interesses, frequentemente disfarçados de bondade, de boa vontade impessoal no mundo, cumpre um papel central na crítica nietzschiana à moralidade do dever isenta de questionamentos por parte dos que integram a cultura. É a alternativa fértil encontrada por Nietzsche para se libertar, como um espírito livre, dos “erros dos maiores filósofos”, que partem de uma “falsa explicação de determinados atos e sentimentos humanos; que, com base numa análise errônea, por exemplo, das ações ditas altruístas, constrói-se uma ética falsa” (Nietzsche, 2022, p. 43).

Na análise histórica dos sentimentos morais, Nietzsche propõe as seguintes fases: a) primeiramente, as ações foram chamadas de boas e más, em razão de suas consequências (úteis ou nocivas); b) em seguida, esquecemos a origem dessas denominações e, sem levar em conta as consequências, “bom” e “mau”, nessa fase, passam a ser propriedades inerentes às ações; c) num terceiro instante, atribui-se as predicções bom e mau aos motivos; d) finalmente, atribui-se o predicado bom ou mau (*gut oder böse*) a todo o ser de alguém, não apenas aos motivos isolados (Cf. Nietzsche, 2022, p. 45). Contudo, em um aforismo cujo título é “Costumes e moral”, tendo como alvo a interpretação errônea de predicar o ser de alguém como bom e mau ou altruísta e egoísta, Nietzsche mostra que se está diante de uma questão de

¹¹ Cf. Nietzsche, 2022, p. 42.

tradição criada a partir de hábitos supersticiosos, surgidos de um acaso erroneamente interpretado, determinando por fim a moralidade a ser seguida.

Discussão

Eis a concepção de costumes do filósofo alemão: “ser moral, morigerado, ético significa prestar obediência a uma lei ou tradição há muito estabelecida” (Nietzsche, 2005, p. 67). Sujeitar-se a ela com prazer ou desprazer é indiferente, bastando que o faça (Cf. Nietzsche, 2022, p. 67). O bom é aquele que, após longa hereditariedade e com facilidade natural, consegue praticar de bom grado o que é moral, quando por exemplo se vinga na medida em que a vingança faz parte dos bons costumes comunitários. A benevolência, a compaixão e similares em todo caso eram assimilados como sendo “bons para algo”, isto é, úteis à vida de trocas no interior da comunidade. No entanto, na mudança dos costumes, o benevolente e o prestativo passaram a ser chamados de bons (Cf. Nietzsche, 2022, p. 68). Mau não caracteriza essencialmente alguém, mas tão somente significa ser não moral (imoral), ou seja, ofender a tradição praticando o mau costume. A maldade, julgada em outras épocas como nociva por ser prejudicial ao próximo, por abalar a constituição de uma sociedade regida por leis, agora adquire um novo significado que faz pensar em um dano voluntário ao próximo (Cf. Nietzsche, 2022, p. 68), como se realmente houvesse a unidade do “eu” com livre arbítrio alojado na sede inabalável da consciência.

Desmanteladas as noções de bom e mau com o martelo que faz ressoar a voz da história, Nietzsche caminha adiante nesse trabalho também se desfazendo das terminologias egoísmo e altruísmo. Não espera se enredar nas malhas da gramática que ludibriam o homem o fazendo pensar na existência efetiva dos conceitos que cria. Desse modo, espera superar os dualismos compreendidos como sintomas de um filosofar preso às engrenagens da metafísica. Com essa análise, finalmente altruísmo e egoísmo deixam de ter efetividade como impulsos constituintes e passam a ser fenômenos secundários circunscritos somente no terreno da linguagem convencional:

“Egoísta” e “altruísta” não é a oposição fundamental que levou os homens à diferenciação entre moral e imoral, bom e mau, mas sim

estar ligado a uma tradição, uma lei, ou desligar-se dela. Nisso não importa saber como surgiu a tradição, de todo modo ela o fez sem consideração pelo bem e o mal, ou por algum imperativo categórico imanente, mas antes de tudo a fim de conservar uma comunidade, um povo; cada hábito supersticioso, surgido a partir de um acaso erroneamente interpretado, determina uma tradição que é moral seguir; afastar-se dela é perigoso, ainda mais nocivo para a comunidade que para o indivíduo (pois a divindade pune a comunidade pelo sacrilégio e por toda violação de suas prerrogativas, e apenas ao fazê-lo pune também o indivíduo) (Nietzsche, 2022, p. 68).

Embora Nietzsche negue a existência de uma oposição entre os impulsos egoístas e altruístas, houve no período que compreende a publicação de *Humano, Demasiado Humano* uma forte relação do filósofo alemão com o judeu-pomerano Paul Rée, que admite aquela oposição¹². A despeito dessa discordância, tendo contato pela primeira vez na ocasião em que Nietzsche ministrava um curso sobre os filósofos pré-platônicos na Universidade da Basileia e Rée era um dos seus ouvintes, essa profícua amizade intelectual veio a ganhar forças especialmente em Sorrento, na Itália, de outubro de 1876 a maio de 1877, rendendo frutos muito importantes na análise moral do filósofo alemão. Nessa feita, os autores estudaram e discutiram filosofia juntos, privilegiando, de um lado, as ciências naturais e a história, e de outro, as sentenças psicológicas cuja maestria se encontra nos moralistas franceses, em particular em La Rochefoucauld, apresentando os resultados desses estudos nos respectivos livros publicados. De um lado, *Humano, Demasiado Humano* de Nietzsche, de outro *A origem dos Sentimentos Morais* de Paul Rée. Nesse livro, Rée naturaliza a compaixão não-egoísta e a-histórica de Schopenhauer e aplica os resultados da teoria de Charles Darwin para o campo moral. As investigações do judeu-pomerano sobre a moralidade seguem em larga medida os achados que Darwin apresentou em *The descent of man* (1871).

Como em várias espécies animais, por exemplo, as abelhas e as formigas, também se encontra nos nossos ancestrais, os símios, o instinto social. Esse instinto social surgiu da expansão do instinto parental e, então, pela seleção natural se preservou e fortaleceu, de tal modo que sempre as linhagens animais cujos membros eram mais ligados pelo instinto social suplantaram as outras linhagens e permaneceram. Quando o homem evoluiu do símio, ele já possuía o

¹² Cf. Rée, 2018, p. 45.

instinto de se preocupar com os outros homens (principalmente de sua comunidade). Quem possui tal instinto sentirá complacência (alegria altruísta) e dor com sua infelicidade (compaixão altruísta) (Rée, 2018, p. 50-1).

Se no aforismo 37 de *Humano Demasiado Humano*, Nietzsche afirma que o “ressurgimento da observação moral se tornou necessário”, e que aí comanda “a ciência que indaga a origem e a história dos chamados sentimentos morais” (Nietzsche, 2022, p. 43), vê-se o porquê Rée tem lugar privilegiado em seu pensamento. Rée não oferece sacrifícios à moral religiosa em seu manuscrito, mas, antes, presta homenagens ao conhecimento científico baseado principalmente nas sérias descobertas de Darwin acerca do surgimento e evolução das espécies. Aqui, a religião e toda a barafunda mitológica não têm razão de ser, porque, em vez de contribuir no horizonte privilegiado da ciência, na verdade estendem “ao julgamento e raciocínio humanos as mais perigosas armadilhas” (Nietzsche, 2022, p. 43). De sorte que nascem produtos da mais séria natureza no solo da observação psicológica, entre eles, principalmente, os que se encontram em Rée. Assim, pergunta Nietzsche: qual a principal tese a que chegou um dos mais frios e ousados pensadores, o autor do livro sobre *A origem dos sentimentos morais*, em razão de suas cirúrgicas e penetrantes observações acerca da conduta humana? (Cf. Nietzsche, 2022, p. 44). Colocando-os em diálogo, pode-se ouvir a resposta do judeu-pomerano: antes de a teoria da evolução surgir, os fenômenos morais não podiam ser explicados por causas naturais, e não há dúvidas que uma explicação transcendente é melhor do que nenhuma. Mas, graças aos escritos de Lamarck e Darwin, descobre-se que, respondendo ao filósofo alemão, “o homem moral não está mais próximo do mundo inteligível do que o homem físico” (Rée, 2018, p. 44).

Em paralelo a esse contexto, dois séculos antes o moralista francês La Rochefoucauld havia dispensado, em suas *Reflexões ou Sentenças e Máximas Morais*, um tratamento sofisticado à moral, digno de receber prestígio de Nietzsche e ser inculcado dentro de sua psicologia. Nesse livro, o francês reúne o essencial de suas observações filosóficas, dedicadas não a homenagear a moralidade de sua época, mas a denunciar a hipocrisia que observava diante de seus olhos nos círculos aristocráticos. Seu próprio modo de escrever, avesso a sistemas rígidos e fechados, expressando-se por meio de sentenças, apresenta-se como sintoma de elevação

espiritual. É provável que Nietzsche também tenha se inspirado nele ao adotar o estilo aforismático.

Segundo Nietzsche, o erro psicológico e a insensibilidade talvez tenham ajudado a humanidade a avançar, como por exemplo quando se imita com entusiasmo os heróis de Plutarco relutando em questionar com suspeita sobre as motivações de suas ações, ou quando se crê no bem, em homens e atitudes virtuosas e na abundância de boa vontade impessoal no mundo (Cf. Nietzsche, 2022, p. 42). Tudo isso, ou seja, uma arraigada aversão à análise psicológico-moral, uma espécie de pudor frente à nudez da alma, de fato podem ser mais desejáveis para a felicidade geral de um homem do que o atributo da penetração psicológica (Cf. Nietzsche, 2022, p. 42). Enquanto o conhecimento da verdade ganha mais com a força da tese¹³ de La Rochefoucauld (Cf. Nietzsche, 2022, p. 42). Aqui, está claro que o espírito científico se vale antes do conhecimento da verdade que desnuda a alma, e não deixa impedir-se pelo medo da descoberta, isto quer dizer, ele precisa se desfazer com frieza do espírito humanitário substituindo-o pela dedicação à verdade e à arte de colher aprendizados com as sentenças morais, não importando se isso venha a lhe trazer algum tipo de horror, como é comum acontecer quando se trata da descoberta dos grandes conhecimentos. Afinal, esse espírito, livre da tradição, tem a tarefa de elevar a sua cultura. E talvez o banimento para um canto solitário da ciência seja o preço a se pagar.

Conclusão

Assim, portanto, a articulação nietzschiana entre Rée e La Rochefoucauld permitiu uma psicologia baseada, por um lado, na reconstrução histórica dos conceitos e sentimentos morais cujo fundamento não é a metafísica, tampouco a religião, mas a filosofia histórica amparada pela ciência antidogmática que substitui suas verdades de tempos em tempos e, por outro, nas observações psicológicas como arte de polir sentenças ligadas à tentativa de prestar serviço à verdade, tornando o homem científico sensível aos rodeios morais a que se está sujeito quando não há investigação profunda sem preconceitos.

¹³ Cf. La Rochefoucauld, 2014, p. 84.

Referências

- ARALDI, C. L. (2016). *Nietzsche e Paul Rée: Acerca da existência de impulsos altruístas*. *Cadernos Nietzsche* 37, 71-87.
- FREZZATTI JR., W. A. (2017). *Nietzsche e a ciência: um ensaio sob a perspectiva da relação entre ciência, metafísica e arte*. *Estudos Nietzsche* 9, 102-115.
- FREZZATTI JR., W. A. *Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX*. São Paulo: Humanitas, 2019.
- FREZZATTI JR., W. A. *Nietzsche contra Darwin*. São Paulo: Unifesp, 2022.
- GIACOIA JR., O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- JANET, P. *Traité Elementaire de Philosophie*. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1884.
- KAUFMANN, W. *Philosopher, Psychologist, Antichrist*. New Jersey: Princeton University Press, 1974.
- KAUFMANN, W. (1978). *Nietzsche als Der Erste Grosse Psychologe*. *Nietzsche-Studien* 7, 261-287.
- LA ROCHEFOUCAULD, F. de. *Reflexões ou Sentenças e Máximas Morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- NIETZSCHE, F. W. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, F. W. *Humano Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- RÉE, P. (2018). *A origem dos sentimentos morais*. São Paulo: Unifesp, 2018.
- WOTLING, P. (1997). 'Der Weg zu den Grundproblemen'. *Statut et structure de la psychologie dans la pensée de Nietzsche*. *Nietzsche-Studien* 26, 1-33.

Submissão: 31. 01. 2025

/

Aceite: 15. 04. 2025